

RAINHAS NEGRAS DO CLUBE 24 DE AGOSTO: IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI

Shirlei Pereira Rosa¹

Gabriela Oliveira de Aveiro²

Karina Constantino Brisolla³

Giane Vargas Escobar⁴

Resumo:

O presente trabalho aponta os resultados iniciais do projeto Rainhas Negras do Clube 24 de Agosto: identidades, representações e vivências de mulheres de um clube social negro na fronteira do Brasil-Uruguai. A investigação articula questões de gênero, raça e classe com o objetivo de realizar uma análise cultural (Guerra, 2010), em que são centrais as rainhas dos certames de beleza realizado pelo Clube 24 de Agosto, na cidade de Jaguarão, Rio Grande do Sul, ao longo de sua trajetória de um século de existência. A pesquisa ancora-se na teoria da interseccionalidade, termo cunhado por Kimberlé Crenshaw, em 1989, com vistas a discutir qual era o lugar que as Rainhas do 24 ocupavam no interior da sociedade negra e como se davam as relações de gênero, raça e classe no interior do clube, bem como com outras sociedades. Essa teoria, mesmo sem ser utilizada com esse nome já era uma prática nos estudos e reflexões de Davis (2016) e Gonzalez (Rattz e Rios, 2010) no início dos anos de 1980. Essa investigação alia-se às teorias preconizadas por intelectuais negras como Sueli Carneiro, Angela Davis, Kimberlé Crenshaw, Lélia Gonzalez, bell hooks, Neusa Santos Souza, o que nos permitirá perceber as várias formas de opressões combinadas ou entrecruzadas no interior do clube negro e na sociedade jaguarense. Essa investigação ancora-se, ainda, nos conceitos de identidade e representação de Stuart Hall que preconiza uma não fixação das identidades, já que essas mulheres certamente constituem um grupo que não é homogêneo, por isso a importância de se perceber as diferentes identidades negras forjadas no interior da agremiação negra e que constituem uma forma específica de ser mulher na sociedade jaguarense. O Clube 24 de Agosto completa 100 anos de existência, resistência e resiliência no ano de 2018 e as histórias das mulheres que conquistaram títulos nos certamente de beleza do clube social negro de Jaguarão são educativas, pedagógicas e importantes, além disso, em sua maioria fazem parte de um grupo específico de mulheres que durante muito tempo tiveram suas trajetórias e narrativas negligenciadas pela historiografia oficial e/ou apropriadas e contadas sob o ponto de vista de pesquisadores não negros, o que também se constitui em importante registro. Essa é uma oportunidade de, a partir desse projeto, assumir um lugar de fala, lançando um outro olhar e uma outra perspectiva de narrativa, sob o pensamento de pesquisadoras negras, que também se colocam como sujeitas de

enunciações.

Palavras-chave: CLUBE SOCIAL NEGRO; RAINHAS NEGRAS; IDENTIDADES; REPRESENTAÇÕES

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

RAINHAS NEGRAS DO CLUBE 24 DE AGOSTO: IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI

¹ Aluno de graduação. shirleyrosa@gmail.com. Autor principal

² Aluno de graduação. gabriela.o.aveiro@gmail.com. Co-autor

³ Aluno de graduação. kcbrisolla@gmail.com. Co-autor

⁴ Docente. gianeescoibar@unipampa.edu.br. Orientador



RAINHAS NEGRAS DO CLUBE 24 DE AGOSTO: IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI

1. INTRODUÇÃO

Situada no extremo sul do Rio Grande do Sul, a cidade de Jaguarão faz fronteira com a cidade de Rio Branco-Cerro Largo, no Uruguai. A história oficial de Jaguarão vem sendo traçada por mãos de escritores e escritoras da cidade, bem como trabalhos acadêmicos que destacam o protagonismo luso e espanhol, o que reforça o apagamento da presença da população indígena e africana, na região. A historiografia sobre a cidade Jaguarão/RS está em disputa e ainda são poucos os trabalhos acadêmicos que colocam em evidência a trajetória das populações negras do município. No entanto, a partir de um novo prisma, esta historiografia vem sendo paulatinamente escrita, calcada nas relações sociais e no mundo do trabalho na fronteira de uma forma mais complexa.

Jaguarão/RS tem cerca de 800 prédios tombados como patrimônio histórico pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Entretanto, a participação dos negros e negras é negligenciado, sua atuação como sujeitos históricos que tiveram sua mão-de-obra explorada, resultando no acúmulo de capital econômico pelas elites da cidade e que construíram a riqueza deste país, por consequência é invisibilizada na construção do centro histórico de Jaguarão/RS. Sendo assim, a população negra acabou construindo os seus próprios espaços de sociabilidade, locais mediadores de outras articulações que positivaram suas identidades, como o Clube 24 de Agosto e o Clube Suburbanos. A população negra já se agenciava de diferentes maneiras no período escravagista, como por exemplo, constituindo as irmandades religiosas e as associações de ajuda mútua. Mas é no início do século XX, que ampliam-se e rearticulam-se as associações clubistas, conforme alude Fernanda Oliveira da Silva:

O pós-Abolição foi palco de uma série de transformações sociais, econômicas e políticas e no campo do associativismo negro não foi diferente. (...) percebeu-se que os negros entraram em uma nova fase de organização através da fundação de inúmeras associações principalmente de caráter recreativo, assistencial e/ou cultural, destacando as associações bailantes surgidas com o intuito de aproveitar o Carnaval (SILVA, 2011, p.91-92).

Os Clubes Sociais Negros resistiram e preservaram um espaço de história e memória da população negra. As práticas discriminatórias que mediam a sociedade, que exaltam a estética e os valores eurocêntricos, estereotipando e estigmatizando os marcantes traços característicos dos grupos negros, fazem com que essa população não se encaixe na lógica da sociedade racista e excludente. Essas visões preconceituosas fizeram com que o movimento clubista se organizasse de forma cuidadosa e impecável, positivando suas identidades negras e questionando a sociedade racializada, conforme Giane Vargas Escobar

nesses espaços que se constroem a autoestima, a autoimagem e as identidades negras, é aí que as relações se estabelecem e os conflitos também, pois os Clubes Sociais Negros, além de lugares de memória, de construção da sociabilidade e cultura negra, são espaços comunicacionais e de legitimação do poder (ESCOBAR, 2017, p.55).

Esses espaços de memória, vem conquistando seu espaço no campo da história, bem como dos Estudos Culturais, com isso alguns trabalhos acadêmicos vêm

sendo discutidos sobre essas sociedades e as relações sociais que impulsionaram o nascimento dessas associações e traçaram as trajetórias da população negra em Jaguarão/RS, por exemplo, a autora Nunes (2011) historiciza as práticas carnavalescas do Clube Social Negro 24 de Agosto no início do século XX e em 2016 aborda o processo de tombamento e o reconhecimento patrimonial pelo Estado do Rio Grande do Sul, do Clube Social Negro 24 de agosto (NUNES, 2016); A historiadora Lopes (2014) analisa questão de gênero no interior do Clube 24; a autora Silveira (2015) discorre sobre a trajetória do Clube social Suburbanos, enquanto resistência negra em Jaguarão/RS; o autor Marcelino (2016) faz uma análise de um estudo de caso sobre o desenvolvimento das políticas culturais buscando perceber a atuação do Clube Social Negro 24 de agosto, como o espaço que sedia o Ponto de Cultura e, finalmente, o pesquisador Lima (2016) tem como proposta discutir o patrimônio como resultado da articulação complexa e situada das lutas do Clube Social Negro 24 de agosto.

Apesar de muitos escritos sobre a trajetória de negros e negras de Jaguarão e esse breve levantamento bibliográfico, é essencial para localizar as brechas na historiografia que precisam ser preenchidas e ampliadas sobre as questões que envolvem as relações étnico-raciais, em especial no que se refere às perspectivas de gênero e raça. O que vem ao encontro do pensamento da pesquisadora de Clubes Sociais Negros, Giane Vargas Escobar (2017, p. 63), ao explicar que em um momento em que somos testemunhas, por intermédio da mídia, de inúmeras atrocidades cometidas contra a população negra, em nome de uma suposta superioridade racial branca e de gênero masculino, imposta às mulheres negras, percebe-se a necessidade cada vez mais emergente dessas investigações interseccionadas.

2.METODOLOGIA

A metodologia desenvolvida na pesquisa começa na escolha das suas participantes, pois sabemos que a escrita não é neutra. Conforme Stuart Hall (1996) "estamos sempre referenciando, escrevemos e falamos de um lugar e um tempo particulares", por isso ao escolher as pesquisadoras, a orientadora coloca em dos seus critérios, ser mulher e negra. A partir de um olhar afrocentrado, essa pesquisa, em um primeiro momento realiza um levantamento bibliográfico sobre os escritos da trajetória negra disponíveis nos arquivos de estágio e TCC do curso de Licenciatura em Historia Unipampa-Jaguarão, em busca de artigos, monografias, dissertações e teses disponíveis na internet.

Em um segundo momento, se procedeu às leituras e reflexões sobre Clube Sociais Negros, partindo da concepção do conceito elaborado pela Comissão Nacional de Clubes Sociais Negros, com vistas a entendermos o que foi e o que é este tipo de articulação das populações negras. Os Clubes Sociais Negros

[...] são espaços associativos do grupo étnico afro-brasileiro originário da necessidade de convívio social do grupo, voluntariamente constituído e com caráter beneficente, recreativo e cultural, desenvolvendo atividades num espaço físico próprio (OLIVEIRA apud ESCOBAR, 2010, p.61).

No terceiro momento, aconteceu a construção e realização da 1ª Roda de Lembranças das Rainhas Negras do Clube 24 de Agosto, no qual as pesquisadoras se apropriaram de uma dinâmica e metodologia já realizada pelo Museu Comunitário Treze de Maio de Santa Maria (antigo Clube Treze de Maio), como um dispositivo para acionar as memórias.

[...] a IV Roda de Lembranças do Museu Comunitário Treze de Maio, como uma forma de comunicação intergeracional, que permite a construção de um discurso próprio, além da inclusão de determinados grupos que normalmente

não se encontravam se não houvesse um evento previamente marcado, datado e específico para relembrar e compartilhar certos valores. Trata-se de momentos singulares de reconstrução de imaginários, que somente se tornam possíveis neste tipo de acontecimento, estrategicamente organizado com o objetivo de agregar ancestralidade e juventude [...] (ESCOBAR; MORAES, 2013, p.158).

A 1ª Roda de Lembranças das Rainhas Negras do Clube 24 de Agosto ocorreu no em julho de 2017, na semana alusiva a mulher negra, latina e caribenha, homenageada no dia 25 de julho. Esse evento aconteceu com o intenso apoio da Diretoria do Clube, em especial Sonia Crespo e Marlete Barbosa, que ajudaram a enviar pessoalmente os convites para as rainhas do clube, organizando cada detalhe do grande momento. A professora Giane Vargas Escobar foi a responsável por mediar a conversa da Roda, experiência que ela acumulou do espaço que um dia foi diretora, o Museu Comunitário Treze de Maio. Um dia antes da Roda de Lembranças, o Clube 24 foi minuciosamente decorado a partir de uma foto antiga que retratava o ambiente de festa e uma de suas antigas Rainhas, imagem guardada durante muito tempo pelo seu Presidente Neir Madruga.

A realização da 1ª Roda de Lembranças foi estratégico para se ampliar o número de Rainhas a serem entrevistadas. Inicialmente se contabilizavam 5 indicadas para entrevista, sendo que após o evento a equipe conta com mais de 25 nomes de mulheres negras que um dia receberam o título de beleza do Clube 24 e que podem ser entrevistadas. Num quarto momento, munidas do instrumento de pesquisa, as investigadoras partiram para realizar as entrevistas nas residências de cada uma das rainhas, local por elas indicados. A seleção das entrevistadas se deu partindo em primeiro lugar daquelas mais antigas para as mais jovens. Num quinto momento serão feitas as transcrições e salvaguarda das entrevistas, em equipamentos adequados. Por fim, o quinto momento se dará com a análise dos dados coletados e transcritos, procedendo-se a produção de material bibliográfico, utilizando-se dos aportes teóricos da metodologia de caráter qualitativo e análise de conteúdo.

3.RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Roda de Lembranças recebeu mais de 100 participantes entre mulheres, homens, crianças, jovens e pessoas idosas, que se acomodaram nas cadeiras dispostas em círculo ao longo do salão do 24. A divulgação se deu também por meio do rádio e da internet, na rede social facebook e acreditamos que essa forma de comunicação também foi importante para a excelente participação do público. Músicas negras interpretadas por jovens acadêmicos negros da Unipampa, Daniel Felipe ao violão e voz de Emily Araujo, permitiram agregar valores civilizatórios afro-brasileiros à conversa que era intercalada por histórias contadas pelas rainhas e pessoas que se colocavam espontaneamente para falar. Cada Rainha pode naquele dia sentar novamente no trono especialmente preparado para elas e ser fotografada com sua coroa, pelo jovem negro fotógrafo do Clube, Thomas Machado. Além disso, o evento foi filmado pela acadêmica negra de Produção e Política Cultural, Raicilane Santana.

Na última década muitas políticas públicas de reparação foram desenvolvidas, mas ainda falta muito para conquistarmos a devida visibilidade no campo da intelectualidade. Sabemos que o saber acadêmico é majoritariamente branco e elitista e é preciso estimular a ocupação desses espaços de pesquisa e extensão com acadêmicos negros e negras. Colocar esses critérios para desenvolver o trabalho de pesquisa e extensão fortalece e amplia as referências negras positivas, estimulando mais acadêmicos negros e negras a ocuparem seu espaço na academia, pois "nossos passos vêm de longe" e essa é uma reivindicação de muito tempo.

É preciso reverter este quadro de invisibilidade e exclusão da população negra também no ensino superior não só na graduação, mas na pós-graduação, e na docência, pois a ausência de professores negros e negras nas universidades tem gerado uma falta de referências positivas para jovens que passam a ingressar no ensino superior por meio das ações afirmativas e das cotas raciais para negros (ESCOBAR, 2017, p.53).

O outro critério em ser mulher negra, parte da perspectiva dos corpos da mulher negra serem marcados pela dupla ou tripla discriminação e opressão que surge de diferentes pontos e várias situações. Conforme alude Giane Vargas Escobar (2017, p.51-52), os corpos das mulheres negras estão marcados por um ciclo de marginalização e discriminação. Nesse sentido, uma mulher negra ocupando um espaço na intelectualidade é ir na contramão do sistema, quebrando a hegemonia da herança escravocrata, reinventando-se para existir e resistir.

Trazer para a centralidade narrativas de mulheres negras, com agência e protagonismo, significa romper com a herança escravocrata, evidenciando seu discurso político, pois as mulheres negras, vivenciam em seu cotidiano diferentes maneiras as opressões e a discriminação. Conforme a mãe do conceito de interseccionalidade, a pesquisadora negra estadunidense, Kimberle Crenshaw (2002, p. 176) “Por ser tão comum, a ponto de parecer um fato da vida, natural ou pelo menos imutável, esse pano de fundo(estrutural) é, muitas vezes invisível”. Colocando esse critério, as vozes de quem fala e a pessoa de quem fala idênticos, rompendo mais uma vez com ciclo vicioso dos pesquisadores e pesquisadoras, como pontua Hall(1996, p. 68) ao abordar sobre local de fala “em nosso nome” nós mesmos e com base em nossa própria experiência, quem fala e a pessoa de quem se fala nunca são idênticos, nunca estão exatamente no mesmo lugar”.

4.CONCLUSÕES

Ressaltamos a importância e a necessidade de estudar o Clube Social Negro 24 de agosto com o olhar das Rainhas Negras desse espaço de luta e memória que existe e resiste nessa sociedade racializada. Acreditamos que historicizar a trajetória dessas mulheres negras da cidade de Jaguarão, em tempos de racismos exacerbados e as mais diversas formas de invisibilidades, evidencia a trajetória dessas Rainhas Negras fortalece a construção positiva das identidades negras. As reflexões desse trabalho são pautadas por um viés político, social, cultural, racial, buscando desconstruir e descolonizar o pensamento, justificando-se assim também esta pesquisa. Pretende-se até o final de dezembro de 2017 concluir todas as entrevistas para futura publicação do livro dos 100 anos do Clube 24 de Agosto, ampliando as vozes das mulheres negras.

5.REFERÊNCIAS

Monografias, Dissertações e Teses

SILVA, Fernanda Oliveira da. **Os negros, a constituição de espaços para seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943)**. Porto Alegre: PUCRS, 2011 (Dissertação de Mestrado em História).

LOPES, Taiane Naressi. **Protagonismo feminino entre regras e padrões: uma história das mulheres negras do Clube Social 24 de Agosto**. Jaguarão: Unipampa, 2014 (Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em História).

NUNES, Juliana dos Santos. **“Somos Suco de Carnaval!” A marchinha Carnavalesca e o Cordão do Clube Social 24 de Agosto**. Pelotas: UFPel, 2010 (Trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em História).

ESCOBAR, Giane Vargas. **Clubes Sociais Negros: Lugar de memória, resistência negra, patrimônio e potencial**. Santa Maria: UFSM, 2010 (Dissertação de Mestrado profissionalizante em patrimônio cultural).

SILVEIRA, Darlize Martines. **“Suburbano surgiu por que nós era tudo dessa zona, assim, do subúrbio...”: O clube suburbano enquanto resistência negra**. Unipampa, 2015. (Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em História).

MARCELINO, Bruno César Alves. **O papel das organizações não governamentais e as políticas públicas culturais no município de Jaguarão-RS: Estudo de Caso do clube social 24 de agosto**. Jaguarão, Unipampa, 2016. (Trabalho de Conclusão de Curso Bacharel em Produção Política Cultura).

ESCOBAR, Giane Vargas. **Para encher os olhos: identidades e representações culturais das rainhas e princesas do clube Treze de Maio de Santa Maria no Jornal A razão (1960-1980)**. (Tese de doutorado-Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-graduação em Comunicação, RS, 2017).

Periódicos técnico-científicos

NUNES, Juliana dos Santos. **“Edificando um Patrimônio Sentimental”: O Clube Social 24 de Agosto e seu reconhecimento cultural pelo Estado do Rio Grande do Sul**. Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura - CLAEC 2016

LIMA, Alexandre Peres de. **Lutas diuturnas: políticas públicas, patrimônio e o reconhecimento do clube social negro 24 de Agosto na cidade de Jaguarão (RS)**. Revista Ciências Sociais Unisinos, v. 52, p. 149-161, 2016.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Rev. Estud. Fem., Jan 2002, vol.10, no.1, p.171-188.

Capítulo de Livro

ESCOBAR, Giane Vargas; MORAES, Ana Luiza Coiro. **Roda de Lembrança do Museu Comunitário Treze de Maio: Comunicação, educação e identidade de mulheres negras**. In Museus e africanidades / Obra de autoria coletiva – Porto Alegre. RS. - Edições Museus Julio e Castilhos, 2013.